

Heróis do Mar precisam-se em terra

Faltam exatamente três semanas e os típicos preparativos anuais já foram postos em marcha.

É de manhã cedo. Um indivíduo alto, magro e de cabelo liso dirige-se aos correios do Chiado e vai murmurando revoltado "*Que mal fiz eu aos deuses todos? Podia ter sido o pastorzinho ou até o senhor doutor, mas claro que tinha de ser logo eu! Ainda por cima, até parece que não sabem que todas as cartas de amor são ridículas, por isso de que serve este maço delas que...*". Mas o seu arrufo é interrompido ao chegar à Rua Garrett. Através do seu monóculo, o homem curvado depara-se com aquilo que lhe parece ser uma estátua do seu criador. Incrédulo, aproxima-se lentamente e as suas dúvidas são imediatamente confirmadas. "No ano anterior Fernando não estava ali eternizado... Logo ele, que dizia "*a mim nunca me levantarão estátuas!*" Estava longe de imaginar que estará eternamente aqui, sentado na Brasileira. Não sabem que *homens de palavras não podem ser postos em bronze?!*"

Continua o seu caminho, mas não sem antes se sentar ao lado de Pessoa e fazer-lhe companhia a tomar um café.

Quando chega aos correios defronta-se com uma fila interminável e suspira "*Não ter deveres, nem horas certas, nem realidades... Aí vida minha, aliás, morte minha...*". Lembra-se, então, que por esta hora, o senhor doutor deve estar quase a entrar no Mosteiro dos Jerónimos.

De facto, Ricardo Reis, naquele preciso momento, estava na ala oeste do Mosteiro, passando pelo Museu da Marinha. Recorde-se que nesse dia, exatamente há 491 anos atrás, a Europa e o Oriente uniam-se por via marítima. Após largos meses a bordo da nau São Gabriel, Vasco da Gama avistava as Índias. Já havíamos dobrado o Cabo Bojador e o da Boa Esperança, e estávamos perto de assentar pé no Brasil. Mas Gil Eanes, Bartolomeu Dias e Pedro Álvares Cabral hão de me perdoar quando digo que a chegada à Índia foi o auge dos Descobrimentos. Não se faz bom cozido à portuguesa sem pimenta preta!

Ricardo Reis está agora a entrar na ala norte do claustro inferior. Lentamente, dirige-se ao túmulo do seu criador e, certificando-se de que não se encontra ali mais ninguém, bate 2 vezes na parte superior, 4 vezes no centro e 5 vezes na parte inferior do caixão. É o típico sinal de há cinquenta e quatro anos, onde soletra as sílabas de

“Brasão”, “Mar Português” e “O Encoberto”, respetivamente. As três partes da notável obra de Pessoa, a *Mensagem*. Após exatamente 44 segundos a porta abre-se e de dentro saí um homem sonolento. Enquanto este se espreguiça diz:

- *Quando virás, ó Encoberto?* Até que enfim, pensei que se tinham esquecido!

- Atrasei-me um pouco, porque o excêntrico eufórico não queria ir aos correios. Já sabemos a opinião dele relativamente às cartas de amor... - desculpou-se Reis.

- Sim, são ridículas.... Contudo, será que foi isso ou a menina Marcenda apareceu pelo caminho? Ou terá sido a Lídia?

- Deixe-se disso e vamos acordar o Camões.

Dirigem-se à Igreja de Santa Maria de Belém, na ala este, e aproximam-se do caixão do Camões. Desta vez, Reis bate soletrando “*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*” e o esquife abre-se de imediato, saindo de dentro Luís Vaz de Camões, num ápice, exclamando:

- No entanto, estamos em 1989 e a vontade continua a ser recuperar a grandiosidade, sem o mínimo esforço... Enfim... Que demora vem a ser esta? Já só faltam três semanas!

- O senhor doutor andou aos namoricos... - responde Pessoa com um sorriso lascivo.

- Com que então encontrou a Lídia...ou terá sido a mão morta?

- Basta! Temos mais que fazer do que falar sobre a minha vida, aliás, a minha morte... - exclama Reis eriçado.

- Sem dúvida que temos, sendo o mais urgente ir à Igreja de Santa Engrácia! - exclama Camões.

- O ano passado era uma perna, o que é que lhe falta este ano? - indagou o poeta clássico.

- Bem, diria o olho direito, mas a datar de 1549, devido à batalha de Ceuta, que já não o tenho... Este ano é a mão esquerda... Desde 1966, após o nosso exímio Presidente do Conselho, António Oliveira de Salazar, ter tido a esplêndida ideia de ordenar o fim das obras do monumento, a criação do meu cenotáfio tem me pregado destas partidas... Ano após ano, é sempre um mistério descobrir que parte me falta!

- *Nada há a esperar, é certo, das classes dirigentes, porque não são dirigentes* - murmura Pessoa.

Partem os três para o Panteão Nacional no autocarro sem terem de desembolsar um único tostão. São as conveniências de serem mortos com ideais ultrapassados. Só os vê quem quer.

Entretanto, Campos está finalmente a ser atendido nos correios.

- Bom dia meu senhor, o que deseja?

- Bom dia, tenho comigo várias cartas que gostava de enviar.

- Já colocou a morada de destino em cada uma e a data de hoje?

- *Ah, que maçada!* Bem, são 5 cartas. Uma para cada presidente de um concelho regional das Comunidades Portuguesas: Pedro Rúpio, Europa; Paulo Martins, América do Norte; Rita Santos, Ásia; Gilberto Martins, África; António Santos da Graça, América do Sul. Já está.

- E a data?

- *Não me macem, por amor de Deus!* É claro que é a data de hoje: 20 de maio de 1989.

- *Os arrogantes e soberbos tomam-se com Deus e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo.* - responde a trabalhadora impaciente e indignada.

- *Não me venha com conclusões! A única conclusão é morrer.* Penso que já está tudo. Tenha um bom dia. - e Campos abandona os correios enfurecido.

Começa a fazer-se tarde. Na Praça do Comércio, no Martinho da Arcada, está sentado, na emblemática mesa de Fernando Pessoa, um homem louro, de olhos azuis e cara rapada. Um empregado dirige-se à mesa e pergunta:

- Boa noite. Já pensou no que vai querer para jantar?

- Pensar? *Pensar é estar doente dos olhos!* De qualquer forma estou à espera de uns amigos, mas obrigado!

- Claro... volto mais tarde. - respondeu o funcionário um pouco confuso.

Soam oito badaladas. Reis, Pessoa e Camões, já com todos os seus membros, entram no restaurante e sentam-se com Caeiro no ex-libris da casa.

- Ora viva! Fez boa viagem até à cidade? - indaga Camões.

- Sim. Foi muito tranquila, mas pelo caminho reparei que *na cidade as grandes casas fecham a vista à chave e tomam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver!* Enfim, viver no campo, em simbiose com a Natureza, é insubstituível.

- Creio que não é bem viver a que se refere, meu caro, mas sim a existir morto. - retorquiu Campos que acaba de chegar.

- Com que então, sempre ultrapassou a birrazinha senhor engenheiro naval? -
questionou Reis.

- Foi um desperdício do meu precioso tempo nos correios! Além disso...

- Já sabemos... *Todas as cartas de amor são ridículas!* - completam os quatro em uníssonos.

- Tempo é o que não nos falta Álvaro, temos uma morte toda pela frente! -
respondeu alegremente Pessoa.

- Ricardo, não me digas que não contaste ao Fernando? - interroga Campos.
Pessoa, confuso, indaga:

- Contar o quê?

- Bem, não queria estragar a euforia das próximas três semanas, mas este ano é
a nossa última oportunidade... A partir do dia 11 de junho de 1989 estaremos
aprisionados nos nossos túmulos eternamente. Houve uma revisão constitucional, meu
caro, mudança de estatutos... - explicou Reis.

- Oh não! - exclamou o autor da *Mensagem*.

- Não se preocupe, estimado Fernando, você estará para sempre na Rua Garrett!
- diz Campos ironicamente.

- De que fala?

- Está lá. Vi com os meus próprios olhos. Afinal, parece que homens de palavras
sempre podem ser postos em bronze.

- Só me trazem más notícias! - lamenta Pessoa.

O empregado dirige-se a Fernando Pessoa e, estupefacto, questiona:

- Peço desculpa, mas é familiar do Pessoa? São muito parecidos!

- *Não sei quem sou, que alma tenho. Sinto-me múltiplo.*

- Certo... O que desejam então?

As três semanas voam e, no dia 10 de Junho, de manhã cedo, Caeiro está a
aguardar pelos convidados no aeroporto. Finalmente, avista o primeiro, Pedro Rúpio da
Bélgica, e uma hora depois, já vão os cinco presidentes dos concelhos regionais das
Comunidades Portuguesas a caminho do seu destino com o Guardador de Rebanhos
ao volante.

Já são quase três da tarde, e após uma paragem para o almoço, os cinco chegam
à Torre de Alfândega em Guimarães. Foi aqui que nasceu Portugal, e se houvesse
dúvidas, bastaria erguer a cabeça na direção da muralha e já não as haveria.

Caeiro encaminha-os para uma sala secreta no interior da Torre, onde já se encontram Camões, Pessoa, Reis e Campos. Após instalados, dá-se início à reunião com Camões proferindo:

Hoje, no berço da ocidental praia lusitana,
Diplomatas e intelectuais figuras,
Se ajuntam em concílio glorioso
Para debater sobre as cousas futuras
Deste povo outrora grandioso.

Eternos emigrantes portugueses,
A vós estamos infinitamente gratos.
Haveis sempre cooperado
Através de exemplares atos,
Para preservar a boa fama de um país
Que hoje se encontra depauperado.

Contudo, de Luso não perdeis a memória
Porque como já bem o pudeste testemunhar,
Com um poder tão singelo
Mas com uma dedicação tão notória
Já fomos uma nação que alcançou a glória.

Pedro Rúpio responde:

- Ilustre poeta da nação, Luís Vaz de Camões, falo em nome de todas as comunidades portuguesas dispersas pelo Mundo quando digo que é uma honra estar não só na sua presença, algo que nunca achei possível, por razões óbvias, mas também que cada um de nós assume o cargo de representar a nossa pátria com um alto sentido de responsabilidade. Fomos sem dúvida, em tempos, um povo audacioso e não poderia estar mais de acordo com o intuito desta reunião: a última tentativa de reerguer Portugal.

Pessoa interpela:

- Por essa mesma razão, perceberão que é urgente haver uma mudança. Já há muito que somos um país estagnado e, citando o nosso prestigiado imperador da língua

portuguesa, Padre António Vieira "*Pelo que fizeram se hão de condenar muitos. Pelo que não fizeram, todos.*" Portanto, temos de agir!

Rita Santos questiona:

- E como podemos reverter este declínio?

Reis responde:

- *Ponham o quanto são no mínimo que fazem.*

- Mas será que ainda valerá a pena? - interrogam os cinco presidentes.

- *Tudo vale a pena se a alma não é pequena.*